



REPORTAGEM DE CAPA



Olavo de Carvalho,
o Napoleão de hospício
da ala manicomial

A cizânia

MILICOS E MALUCOS TRAVAM DISPUTA PELO PODER
NAS ENTRANHAS DO GOVERNO, ENQUANTO O
GENERAL ESPERA QUE O CAPITÃO VÁ AO VENTO PARA
GANHAR-LHE O ASSENTO. É O MATO SEM CACHORRO

por FRED MELO PAIVA*





General Mourão,
um Michel Temer
com media training

VIVI ZANATTA/FOLHAPRESS E EVARISTO SAIA/FP

Sem querer com isto ofendê-lo, Jair Bolsonaro é um tipo que mistura em si mesmo o autoritarismo e a demência, a parvoíce e a mão de ferro. No sentido mais figurativo do que propriamente clínico, embora a camisa de força pareça lhe vestir melhor do que aquela do Palmeiras, falsificada, trata-se de uma experiência humana a juntar o psicopata e o tirano, não rara, a bem da verdade. Bolsonaro é, a um só tempo, o debiloide e o ditador, ainda que este em fase de projeto e aquele

apenas na acepção do tolo. Reúne na edificação de um pateta com a pistola na pata o manicômio e a caserna, orientados ambos, ao que se nota, pelo cérebro diminuto de um Homer Simpson, o clássico caroço de azeitona verificado no episódio em que a personagem submete a carcaça craniana a um exame de raios X.

Tudo se pode maldizer de Jair Bolsonaro, menos que seja incoerente. O Bozo – acertadíssimo apodo, sem dúvida, em um só corpo o palhaço doidão e o monstro pavoroso – é o que é e sempre foi, não há estelionato e não foi por falta de aviso. Seu governo está montado à sua

semelhança, uma ala manicomial e outra militar, entre outros departamentos. A depender do ponto de vista, o ajuntamento das partes logrou sucesso na pessoa do político que chegou à Presidência à base de proferir groselhas e bafejar autoritarismo, preconceito e violência. Transposto às instituições do Estado, o hospício e o quartel estão em guerra, a disputar o caroço de azeitona de Jair Bolsonaro. Não se anime, pobre leitor, a escolher um lado. Se ficar, o Olavo de Carvalho te pega, se correr, o Mourão te come.

Antes das notícias do *front*, vamos à apresentação dos soldados em litígio.





O ministro da Educação, Vélez Rodríguez, teria sido cooptado pelas forças inimigas

De um lado, a ala manicomial do governo, em outras oportunidades, nesta *CartaCapital*, denominada “ala psicodélica”, pois suas pautas prioritárias sugerem uma produção intelectual sob efeito de alucinógenos. Diz-se também, em especial na grande mídia, recatada e do lar, “grupo ideológico”, mas tal distinção parece não abranger o oceano de maionese no qual viajam seus componentes. Três são os principais egressos desse manicômio: a ministra da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos, Damares Alves, obcecada pelo tema da masturbação infantil, o chanceler Ernesto Araújo, bravo combatente da quixotesca luta contra o “globalismo”, e o ministro da Educação Ricardo Vélez Rodríguez, do comando de caça aos comunistas inexistentes.

Acima de todos está o Napoleão de hospício Olavo de Carvalho, guru do clã Bolsonaro, astrólogo autoproclamado “filósofo”, assim como o ator José de Abreu é o atual presidente do Brasil. Olavo indicou os três ministros supracitados e, segundo o próprio, “umas poucas dezenas” de ex-alunos de seus cursos a distância, ocupantes de cargos em escalões inferiores. Neste momento, os que não

tombaram na guerra contra os militares do governo empenham-se em vencer o “marxismo cultural”, um gigante contra o qual se debatem com invejável denuo, sendo inócuo avisá-los de que, em verdade, trata-se de um moinho a vento.

Do outro lado da trincheira, a combater a turma do Gardenal, a ala militar. Bem, antes de mais nada, faz-se necessário alertar para uma peculiaridade dos militares da Nova Era. São entreguistas, algo raro em todo o mundo e mesmo na história do Brasil. Gostam de Sérgio Moro, apreciam um lacaio de Washington, deixam estar aos Estados Unidos a Base de Alcântara, e por aí vai. Se não chegam a propor a tortura dos que pensam diferente, já se preparam para submeter ao suplício as estatais, a Amazônia, as riquezas minerais que neste governo serão fatalmente deportadas aos países ricos, de bandeja, pelas mãos do garçom Paulo Guedes.

São 103 os militares a ocupar postos no governo Bolsonaro. Segundo os analistas, o desgaste da classe política e a frágil estrutura política de Bozo permitiu o avan-

ço das Forças Armadas na burocracia federal. A comandar ministérios são oito os militares. Dentro do Palácio do Planalto, com acesso direito aos ouvidos e ao carço de azeitona presidenciais, estão o secretário de Governo, Carlos Alberto Santos Cruz, o chefe do Gabinete de Segurança Institucional, Augusto Heleno, e o secretário-geral da Presidência, Floriano Peixoto Vieira, todos generais. Além, claro, do vice Hamilton Mourão, cujas desavenças públicas com o Napoleão de hospício têm explicitado o pornográfico roteiro a que se dedica o general, à espera de que o capitão vá ao vento para ganhar-lhe o assento. Trata-se, pois, de um Michel Temer de quepe e *media training*, desprovido da capivara do antecessor, embora golpista tanto quanto, demitido do Comando Militar do Sul depois de pedir o “despertar de luta patriótica” contra a presidenta Dilma.

Apresentados os personagens, vamos à luta! As últimas notícias do *front* dão conta de uma sanguinolenta batalha travada nos campos minados da educação. Um dos mais importantes e laís entre os soldados de Napoleão, o ministro Vélez Rodríguez teria sido cooptado pelas forças inimigas. Desde que empossara o coronel da Aeronáutica Ricardo Wagner Roquetti no posto de secretário-executivo do MEC, Vélez teria se transmutado em um lambebotas, apegando-se ao pragmatismo dos militares e perdendo o foco do que de fato importa, a saber, a caça aos comunistas inexistentes e sua prática subterrânea de doutrinação dos jovens estudantes, tão subterrânea que nunca foi vista.

OS MILITARES DA “NOVA ERA” SÃO ENTREGUISTAS, UM FATO RARO NO MUNDO E MESMO NA HISTÓRIA

LUIS FORTES/MEC E FABIO RODRIGUES POZZEBOM/ABR



O chanceler doidão, Ernesto Araújo, foi rebaixado a estagiário de Mourão na crise da Venezuela

Uma dupla traição, diga-se, já que o próprio coronel fora aluno de Olavo de Carvalho. Ao perceber a estratégia do inimigo, Napoleão torpedeou desde a sua trincheira preferencial, o Twitter: “Três erros pelos quais peço desculpas: **1.** Ter acreditado, nos anos 90, que os militares brasileiros teriam a coragem de reagir na Justiça contra a difamação jornalística das Forças Armadas. **2.** Ter apoiado o general Mourão na sua candidatura à Vice-Presidência. **3.** Ter apresentado o coronel Roquetti à Bia Kicis”. *Youtuber* tresloucada por ocasião do golpe contra Dilma, a veterana Beatriz Kicis tornou-se deputada federal pelo PSL e uma

interna de destaque na ala manicomial. Infelizmente, foi a responsável pela indicação do coronel infiltrado, o que por certo abala sua reputação, já um tanto prejudicada entre as pessoas normais.

No dia anterior, Olavo de Carvalho já havia acusado o golpe. “Jamais gostei da ideia de meus alunos ocuparem cargos no governo, mas, como eles se entusiasmaram com a ascensão do Bolsonaro e imaginaram que em determinados postos poderiam fazer algo de bom pelo País, achei cruel destruir essa ilusão num primeiro momento”, escreveu.

“Mas agora já não posso me calar mais. Todos os meus alunos que ocupam

cargos no governo – umas poucas dezenas, creio eu – deveriam, no meu entender, abandoná-los o mais cedo possível e voltar à sua vida de estudos. O presente governo está repleto de inimigos do presidente e inimigos do povo, e andar em companhia desses pústulas só é bom para quem seja como eles.” A postagem causou espanto entre os bolsominions e fez com que o lado de cá botasse a pipoca no micro-ondas, ciente de que aquela era uma novela com inegável potencial.

No capítulo seguinte, emerge das sombras um certo Silvio Grimaldo, ala manicomial, assessor especial do MEC, outro ex-aluno, mas desta vez um voluntarioso escudeiro desse nosso Napoleão que vive “exilado” na zona rural de Richmond, nos Estados Unidos, por isso chamado “o eremita da Virgínia” pelo deputado federal do PSL e ator pornô Alexandre Frota, seu desafeto. No Facebook, Grimaldo atrai-se como um suicida na linha de frente do desembarque na Normandia. Acusa o coronel Roquetti de “pusilânime”, “alguém com inteligência e cultura tão modestas”, que “perambulava pelo gabinete como a eminência parda do ministro”, em suma retratado como um chefe repleto de boas intenções, porém um idiota. Conta Grimaldo que a ideia brilhante de enviar a famosa carta às escolas sugerindo que os alunos cantassem o Hino Nacional teve origem no carço de azeitona. Mas o coronel, ao perceber a má repercussão da peça, e na intenção de desgastar os “olavetes” (assim autoproclamados, creia), tratou de vaziar a informação de que o autor do delírio, por óbvio, fora o Napoleão do hospício.

Milicos e malucos estão em pé de guerra no governo Bolsonaro desde a semana da posse, quando a crise na Venezuela acabou contrapondo os generais ao chanceler Ernesto Araújo. No caso do MEC, mais recente, o estopim foi a chamada “Lava Jato da Educação”, até o momento uma patacoada retórica à





REPORTAGEM DE CAPA

Para o seu desafeto,
beijinho, beijinho
e tchau, tchau



qual se opuseram os militares e se agarraram os olavetes. A “operação” seria um esforço conjunto entre o Ministério da Justiça, a Controladoria-Geral da União e a Advocacia-Geral da União, um “pacto de intenções” para combater a corrupção e, segundo o presidente Bolsonaro, “mudar as diretrizes educacionais do País”. O anúncio foi feito por Bozo no dia 15 de fevereiro.

Emlinhas gerais, o documento assinado pelas partes versa sobre a criação de uma política interna, preventiva e repressiva, de apuração de irregularidades no Ministério da Educação. “Muito além de investir, devemos garantir que investimentos sejam bem aplicados e gerem resultados”, tuitou o presidente. “Partindo dessa determinação, o Ministro Professor @ricardo-velez apurou vários indícios de corrupção no âmbito do MEC em gestões passadas. Daremos início à Lava Jato da Educação!” Embora indício algum tenha sido divulgado na sequência, ao que tudo indica, daremos início à caçada ao ex-ministro Fernando Haddad!

“Claro que é obrigação do governo apurar a corrupção”, diz o filósofo Re-

nato Janine Ribeiro, ministro da Educação no governo Dilma. “Mas está se confundindo divergências políticas com crimes cometidos.” Segundo ele, o radicalismo inaugurado no MEC pelo “grupo ideológico” tem desconsiderado “consensos construídos acerca da educação mesmo por governos antagonônicos” como



Silvio Grimaldo, da ala manicomial, partiu como um camicase. Derrubou o coronel, mas matou a si próprio

os do PT e do PSDB. “Agora temos uma gestão que não apenas está desinteressada nisso, como tem se especializado em criar factoides.” Mais pragmáticos, os militares buscavam influenciar Vêlez quando foram surpreendidos pelas tropas de Napoleão.

(Aqui, um parêntese. Ao fazer a defesa da “Lava Jato da Educação”, Bolsonaro afirmou que o Brasil gasta mais com educação em relação ao PIB que a média dos países desenvolvidos e, ainda assim, ocupa as últimas posições no Programa Internacional de Avaliação de Alunos, o Pisa. A conta do presidente, no entanto, desconsidera o baixo PIB *per capita* brasileiro. “Basta visitar as escolas públicas nas periferias das grandes cidades e no interior do Brasil para ver a precariedade”, diz o coordenador-geral da Campanha Nacional pelo Direito à Educação, Daniel Cara. “Além disso, faltam vagas e apoio à permanência dos estudantes de baixa renda nas universidades federais.”)

Entre mortos e feridos, a batalha do MEC teve como resultado a eliminação do coronel Roquetti e de outros dois militares de carreira. Tombaram também três olavetes, entre eles o camicase Grimaldo, além do secretário-executivo Luiz Tozi, o número 2 do ministério, apontado por Olavo de Carvalho como um “tucano infiltrado”. Por pouco não rodou o próprio ministro (que permanecia no cargo até o fechamento desta edição), substituído por algum outro indicado de Olavo, a ser gestado por sua mente privilegiada. Quando a hipótese ganhou o





noticiário da grande imprensa, Napoleão acorreu aos anais da história: “Não quero derrubar ministro nenhum. O Ministério é do Vélez. Que o enfie no c*.” Ao fim e ao cabo, deu-se um empate nesta contenda específica, mas na guerra como um todo a luta antimanicomial está em vantagem.

“Entre os militares há um descolamento entre a posição com relação ao governo do alto oficialato e daquela que forma parte da base de Bolsonaro, a chamada ‘tigrada’”, analisa o cientista político Cláudio Gonçalves Couto, da Fundação Getúlio Vargas, em entrevista a *CartaCapital*. “Apesar do conservadorismo que encontra respaldo no pensamento de Bolsonaro e até em Olavo de Carvalho, os militares com voz de comando parecem abraçar posições mais pragmáticas e institucionais neste momento, assumindo assim o posto do adulto na sala, impossível de ser exercido pelo que você chama, sem exagero, de ala manicomial do governo.” Cláudio enxerga no MEC o espaço por excelência para se travar a “guerra cultural” tão cara aos bolsominions. “Quando ouvi essa expressão ser dita por Bia Kicis, ela me remeteu imediatamente à revolução cultural chinesa de Mao Tsé-tung, operada de cima para baixo, impensável em

um contexto democrático. Mesmo com todo o autoritarismo inerente às relações na caserna, a ideia da destruição do inimigo ideológico, presente no pensamento do grupo comandado por Olavo de Carvalho, faz desse pessoal uma ala que consegue se apresentar ainda mais autoritária que a dos militares.”

O primeiro episódio a contrapor caserna e manicomio deu-se logo na primeira semana de governo e envolveu o chanceler doidão Ernesto Araújo. No dia 4 de janeiro, ele participou, no Peru, de uma reunião do Grupo de Lima, organização que reúne 14 países para discutir a situação

O NAPOLEÃO DE HOSPÍCIO SUGERIU QUE O GENERAL SE PERDEU EM SEU LABIRINTO, “NÃO ANDA BEM DA CABEÇA”



Roquetti, o militar infiltrado na horda dos malucos do MEC

política da Venezuela. Sem consultar os generais, saiu de lá com o compromisso assumido de suspender a cooperação militar com o regime de Nicolás Maduro, justamente o que garantia ao Brasil manter-se informado sobre o que de fato se passava em Caracas. A partir de então deu-se no Itamaraty uma espécie de intervenção branca, Araújo foi posto de escanteio e o general Mourão, que foi adido militar no país vizinho entre 2002 e 2004, assumiu a meia-cancha. Quando malogrou o *delivery* da “ajuda humanitária” a Juan Guaidó, o José de Abreu venezuelano, lá estava o chefe Mourão a deixar-se acompanhar pelo estagiário Araújo. Em vista da ridícula picape de suprimentos que o Brasil tentou fazer cruzar a fronteira, saíram-se ambos como dois patetas, mas na batalha do Itamaraty a vitória dos militares sobre a ala manicomial é inconteste.

A desenvoltura temerária de Mourão, no sentido mesmo de Temer, acrescida dos seis dias em que ocupou folgadoamente a cadeira presidencial enquanto Bolsonaro se dava com a bolsa de colostomia, despertou a ira de Napoleão. “O Mourão está EM GUERRA contra o presidente preso a uma cama de hospital. É muita valentia, gente!”, disparou, desde a sua trincheira. “Mourão obviamente se considera autoridade superior ao presidente por estar acima dele na hierarquia militar”, seguiu. “Todos os que tramam contra o Bolsonaro enquanto ele está no hospital são psicopatas de mentalidade assassina”, escreveu, em referência ao comentário do general de que “aborto deve ser uma decisão da mulher”. O arranca-rabo ainda passaria pelo desdém do general quando perguntado sobre os livros do “eremita da Virgínia”. No mais recente furdúncio entre a lamentável dupla, o Napoleão de hospício sugeriu que o general se perdera em seu labirinto, “não anda bem da cabeça”. Em resposta, Mourão mandou “beijinhos”. A julgar pela qualidade da cizânia, é o mato sem cachorro. •

*Colaborou Ana Luíza Basílio.

